



A PRODUÇÃO DE CARNE E O AGRONEGÓCIO³ Entrevista a José Magno Pato¹; por Marcos Fernando Oliveira e Costa²

Vamos falar primeiro do sistema de criação. Em Goiás predomina ainda a criação extensiva com três fases distintas. A fase de cria, de recria e de engorda. Existem grupos de produtores que se dedicam só à produção de bezerros, outros que compram bezerros e fazem recria e terminação (engorda) e outros que são especializados na parte só de engorda. Eles compram o boi, o garrote, de dois anos, dois anos e meio, e terminam com um ano para levar ao abate. Isso é o geral.

A tentativa de reduzir essa idade de abate foi introduzida através dos confinamentos; inclusive, eu posso dizer que, em 1969, nós, dois professores do Departamento de Zootecnia, o Francisco Eduardo Galvão, já falecido e a minha pessoa, montamos o primeiro confinamento em Goiás, em Goianésia, na fazenda São Carlos, do Otávio Lage, em 1969, com gado praticamente só Gir, pois ele se dedicava ao Gir, e nós o conseguimos assim: ele plantava muito, ele tinha muita agricultura desenvolvida (ainda não desenvolvia a cana). Então, com resíduo de palha de feijão, e de milho, conseguimos montar um processo para ele recriar seus garrotes. Ele levava-os até a idade do abate, período de abate, então quis

1. Presidente do Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de Goiás – Fundeppec.
E-mail: <jmpato@terra.com.br>.

2. Pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão.
E-mail: <marcosfernando.costa@embrapa.br>.

3. Entrevista transcrita por Gyannini Jácomo Cândido do Prado, aluno do Mestrado em Estudos Literários da Faculdade de Letras/ UFG.

reduzir o período e montou um sistema de confinamento, e nós o fizemos. Fomos pioneiros em implantar esse confinamento em Goiás, em 1969.

E o sistema de confinamento em Goiás... Eu acredito que ele poderia estar muito mais avançado, mas existem ciclos de altas na agricultura que diminuem muito a rentabilidade de confinamento, como aconteceu no ano passado, e Goiás nunca conseguiu passar de um milhão de cabeças confinadas; isso é pouco para um estado que tem um rebanho de vinte e dois milhões de cabeças. Nós precisávamos ter, pelo menos, uns seis milhões de animais para o abate, né? Um desfrute em torno de 30%, e nós não vamos demorar muito a chegar, em função das próprias práticas de criação, mas nós já poderíamos ter isto tudo confinado, e para quê? Para liberar áreas para produzir grãos, para produzir a cana que o pessoal está querendo. Nós precisamos urgentemente repensar, inclusive, nosso sistema de criação.

Eu converso com muita gente e, às vezes, em reuniões, palestras, surge o tema de que nós precisamos mudar urgentemente o sistema de criação de bovinos porque ele está ficando inviável. Se nós o compararmos com a rentabilidade que dá a soja, que dá o milho, que dá a cana, ele é deficiente; principalmente o sistema de pastagem nosso é muito deficiente. Nós não conseguimos... eu não sei se tem alguma novidade em termos de produção de carne por hectare, mas a nossa média deve estar em torno de 30 quilos, 40 quilos, por hectare e por ano. Isto é irrisório se nós o compararmos com algumas agriculturas, como a cana, como a soja, com o milho e outras culturas que vem sendo desenvolvidas. Então, o produtor fica refém de um mercado que está fora da realidade, e fica reclamando “é porque tal, porque a arroba do boi tá barata, eu não tô ganhando dinheiro”. Não ganha mesmo,

se nós não formos eficientes, se a pecuária de corte não for eficiente, não se tornar eficiente, ela vai ser paulatinamente abandonada – como já aconteceu no Sudoeste, onde muitos abandonaram a pecuária de corte e estão se dedicando à agricultura, à silvicultura, ao eucalipto e tal. Então, este é um problema que nós precisamos, urgentemente, discutir. Inclusive, uma sugestão que sempre tenho lançado para as entidades é que nós precisamos fazer o produtor entender que ele tem que mudar o sistema de criação. Não é mais possível nós levarmos 4,3 anos – hoje a média de abate de Goiás é em torno de 3 anos –, ficar 3 anos com o bovino para ser abatido. Isto é prejuízo.

Eu sou procurado, às vezes, por muito produtor: “Ah, mas eu faço o cálculo, eu num tô ganhando nem a poupança no fim do ano”. Não ganha mesmo! Não tem como ganhar porque o nosso sistema é bem atrasado. Nós, em relação à pecuária, ficamos muito distantes da evolução da agricultura. A agricultura avançou muito mais com o uso de tecnologia e a pecuária ainda... nós ficamos patinando. Às vezes, muitos produtores entendem que há a necessidade de evoluir, mas também falta dinheiro, recurso para investir. Este é um dos problemas que a gente precisa discutir.

Eu acho que este sistema, não vou dizer que está falido, mas ele está fadado a falir. Acho que não é mais possível trabalharmos neste sistema. Essa é uma das observações que a gente faz; podemos incluir nessas observações a questão sobre os gargalos. Um dos gargalos que a gente tem é a falta de tecnologia e, segundo, nós temos ainda um sistema de transporte caro e ineficiente. O Brasil ainda... Nós movimentamos os animais para o abate com viagens muito longas e isto contraria inclusive as normas atuais de bem-estar animal – muitas vezes transporta-se animal 500, 600 quilômetros, para ser abatido. Esse é um

dos problemas além de outro, que é um tema muito batido: as nossas estradas são deficientes... eu nem vou tocar neste assunto porque é da gritaria geral.

Agora, as soluções, resumidamente, que a gente pode sugerir estão longe de ser o ideal, mas nós precisamos mudar, precisamos tirar do sistema de criação a parte de recria, em que o animal fica um ano, um ano e meio, no pasto sem, praticamente, nenhuma rentabilidade para o produtor e isto precisa sair. Precisamos tirar o bezerro com maior peso, que também é outro problema. Não só a parte de alimentação, de manejo, mas também da parte genética, certo? Nós precisamos melhorar o peso, a desmama do bezerro para que eles possam ser abatidos com quatorze meses que é o ideal. O ideal é abater com quatorze meses. Precisamos superar essa fase de recria e engorda longa, um ano de engorda; essa aí seria uma das soluções que a gente acha.

Em relação à cadeia produtiva, nós ainda não conseguimos avançar o que se deveria. O pessoal fala de “juntar os elos”, o qual é muito difícil, mas é preciso pelo menos discutir alguns problemas. Um dos que eu cito é o seguinte: o produtor não exige um sistema de classificação de carcaça para ser bem remunerado; não tem interesse. O problema não é dos frigoríficos, nem é do governo; o Ministério da Agricultura já há muitos anos instituiu uma prática de classificação, de educação, chegou a treinar muitos profissionais para fazer a classificação da carcaça. Todavia, os produtores não querem, não há nenhum interesse. Nós ainda visamos o “eu quero receber mais por uma mercadoria à qual eu não agrego valor”. Não há qualidade para exigir, certo? Esse é um problema que eu acho também muito sério: ainda não fomos motivados para receber por qualidade.

Eu falo assim..., nós usamos o termo da roça “bica corrida”, quer dizer que vai todo para o frigorífico; então, o preço é um só, e inclusive no subproduto. Nós já tentamos em uma determinada época, com a associação brasileira da indústria do couro, fazer uma classificação do couro para remunerar melhor o produtor. Não houve interesse simplesmente; isso aí até eu fiquei decepcionado. Isso faz muitos anos, eu era Secretário da Agricultura na época; naquele momento, conseguiu-se reunir o pessoal da indústria do couro e montar esse projeto, mas não teve nenhuma aceitação por parte dos produtores. Quer dizer, é um negócio que precisa mudar também em relação à cadeia produtiva.

O outro problema que vocês levantaram é sobre a proposta de o produtor ir direto ao consumidor. Isto aí é um problema sério. Nós não temos cultura,

ainda, de trabalhar em grupo. Existe alguma tentativa por parte de alguns grupos, mas o ideal seria montar cooperativas ou associações de produtores e arrendar ou abater e ter entrega direta para o consumidor. Isso também está muito, ainda, muito remoto. Existem algumas ações de determinados frigoríficos de remunerar melhor o animal que tenha qualidade, mas também isso constitui um número tão pequeno que não representa nenhuma importância para a economia do estado. Essas questões seriam, resumidamente, uma pincelada sobre a pecuária de corte.

Agora, o que a gente tem buscado é a pesquisa e a aplicação da pesquisa. Fala-se que está faltando um serviço eficiente de extensão rural. Porque algumas entidades fazem algum trabalho de campo para mostrar para o produtor determinadas práticas que têm dado certo, mas um serviço de extensão eficiente seria de “boa norma” para poder levar aos produtores essas tecnologias que são geradas. Por exemplo, a Embrapa tem muitos trabalhos sobre os que os produtores, às vezes, têm conhecimento em um programa de rádio, de televisão; em relação a algumas ações da Embrapa, são os pesquisadores os que com frequência divulgam os trabalhos nas idas a campo para montar experimentos em determinadas propriedades.

Agora, eu peço desculpas para falar que a Universidade está ausente nesse processo ou, pelo menos, está muito timidamente participando dele. Sabemos que quase cem por cento dos professores universitários são qualificados com curso de doutorado, mas eles não têm trazido essa qualificação para o campo e isso é lamentável; as gratificações que eles têm em função da obtenção dos títulos, eles deveriam devolvê-las para a sociedade em termos de serviços ou levar esses trabalhos para o campo. Isso aí não é regra geral, viu? Alguns deveriam fazer isso, seria muito bem vindo.